

## **Dionísio: O Deus abscondido**

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduando em  
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato  
Grosso.

### *Introdução*

Hoje se sabe com alguma exatidão que o autor das obras atribuídas a Dionísio é do século V da nossa era. Ao que tudo indica, viveu entre os monges sírios. Contudo, durante a Idade Média, Dionísio nada tinha de “Pseudo-Areopagita”; ao contrário, era tido como o próprio ateniense convertido por São Paulo, quando da pregação deste no Areópago de Atenas (At. 17). Na verdade, o próprio autor de obras basilares como *Dos Nomes Divinos* descrevia-se como espectador do eclipse solar que se deu por ocasião da morte de Cristo. Atestava, além do mais, ter assistido à morte da própria Virgem, além de insinuar ter tido conversações frequentes com vários apóstolos. Ora, depois de tal apresentação, não nos devemos assustar que Dionísio tenha chegado a ter uma autoridade ainda maior que a do próprio Agostinho, inferior à da Sagrada Escritura.

As dúvidas acerca da origem apostólica do autor só começaram a ser levantadas no humanismo do século XV, notadamente por Lourenço de Valla. Acentuaram-se ainda mais no período da Reforma Protestante. Quanto ao autor da obra *Dos Nomes Divinos* é certo que não é um neoplatônico com vestes cristãs, mas, como bem observou Stiglmayr, é antes um cristão com vestes de filósofo neoplatônico. Por sua profunda reverência ao “Deus desconhecido”, o *Doctor Hierarchicus* recebeu o epíteto de “pai da mística”.

O nosso artigo trata das quatro vias para o conhecimento de Deus, em Dionísio. São, na verdade, quatro teologias: a simbólica, a afirmativa ou catafática, a negativa ou apofática e a mística. Tentaremos mostrar como, na concepção de Dionísio, a teologia negativa supera a afirmativa e a teologia mística supera as duas, por ser antes uma experiência resultante da união do místico com Deus do que um conhecimento conceitual da divindade, que é sempre

débil na aceção do nosso autor. Por fim, trataremos dos nomes divinos, tema clássico na teologia medieval. Verificaremos que o *Pseudo-Areopagita* classifica os nomes divinos em dois grupos, a saber, os que expressam a essência indivisível e a unidade absoluta de Deus e os que exprimem a Trindade nas suas relações.

Os referenciais teóricos da nossa abordagem serão duas obras de Dionísio: *A Teologia Mística*, com tradução para o português de Prof. Luis Alberto De Boni, em *Filosofia Medieval: Textos e Dos Nomes Divinos*, com tradução ao vernáculo feita pelo Prof. Bento Silva Santos. Também nos servirão de aportes teóricos as obras de Etienne Gilson: *La Philosophie au Mon Âge. De Scot Érigène à Guillaume d’Occam* (1922), em sua versão modificada – *La Philosophie au Mon Âge. Dès Origines Patristiques à la Fin du XIV* – de 1944. No caso, a tradução que seguiremos será a brasileira, feita por Eduardo Brandão e lançada pela editora *Martins Fontes*, em 1995: *A Filosofia na Idade Média*. Do mesmo autor, desta feita em parceria com Philotheus Boehner, a não menos apreciada: *História da Filosofia Cristã. Desde as Origens até Nicolau de Cusa* (1951) —, trazida ao vernáculo pelo Prof. Raimundo Vier, em 1970, a partir da edição alemã: *Christliche Philosophie – von ihren Anfaengen bis Nikolaus von Cues* (1952 a 1954).

Passemos à análise da concepção de teologia simbólica de Dionísio.

### 1. A teologia simbólica

Existem quatro vias para se conhecer a Deus, quatro teologias. A primeira é a *teologia simbólica*, que consiste em aplicar a Deus, em sentido *figurado*, os conceitos tirados das *coisas sensíveis*.<sup>1</sup> Trata-se, pois, de uma ascensão gradual das coisas sensíveis às divinas.<sup>2</sup> Neste sentido, ela segue a Sagrada Escritura: recorre às imagens materiais de Deus, a fim de

---

<sup>1</sup> BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 117: “Tira seus conceitos da ordem sensível, aplicando-os a Deus em sentido figurado.” DIONÍSIO. **A Teologia Mística**. In: BONI, Luis Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000. III, 3. p. 72: “Já na *Teologia Simbólica* mostramos o que significam os nomes trasladados das coisas sensíveis para Deus.”

<sup>2</sup> SANTOS, Bento Silva. **Introdução dos Nomes Divinos**. p. 33. In: DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. Trad. Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004. São Paulo: Attar Editorial, 2004.: “Ao nível sensível, situa-se a teologia simbólica; tal como é apresentada na obra *Teologia mística*, ela aborda metonímias do sensível ao divino.”

iniciar os neófitos nos mistérios.<sup>3</sup> Note-se, porém, que a teologia simbólica não tenciona fazer com que os homens se acostumem às imagens materiais. Ao contrário, ela existe justamente como ponte para que possamos passar das coisas visíveis às invisíveis.<sup>4</sup> Sendo assim, o próprio Dionísio prefere os símbolos mais dessemelhantes aos mais semelhantes à divindade, pois aqueles já nos incitam a superá-los, inspirando-nos a elevarmo-nos acima deles.<sup>5</sup>

Passemos à análise da concepção de teologia afirmativa de Dionísio.

## 1.2. A teologia afirmativa ou catafática

A teologia simbólica permanece ainda no *terreno do sensível*. Nela, existe tão-somente a distinção entre *símbolos semelhantes* e *símbolos dessemelhantes*. Urge que passemos ao *nível da inteligência*, e quando isso ocorre torna-se imprescindível distinguir entre *teologia positiva* e *teologia negativa*. Ora, esta distinção equivale àquela que, no âmbito sensível, distinguia *símbolos semelhantes* de *dessemelhantes*.<sup>6</sup>

A *teologia afirmativa*, ei-la: ela parte de Deus, decerto não da sua natureza em si, mas sim daqueles atributos que, encontrados nas criaturas, parecem ser predicáveis dEle por certa congruência.<sup>7</sup> Obedece, desta feita, a uma ordem *descendente*, seguindo o esquema neoplatônico: *exitus/reditus*. Começa com os atributos mais nobres, isto é, com os mais próximos da causa altíssima na sua vida *ad intra*, quais sejam, os que designam, com menor desproporcionalidade, a excelência da deidade una e trina e a relação de paternidade e filiação existente nela, além do papel desempenhado pelo Espírito; depois, a partir do axioma neoplatônico *bonum est diffusivum sui*, a teologia afirmativa desce do uno à multiplicidade

---

<sup>3</sup> SANTOS. *Op. Cit.* p. 34. In: DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. Trad. Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004: “Na carta IX, tem-se um exemplo de ‘teologia simbólica’, isto é, de uma linguagem pela qual, segundo a Sagrada Escritura, Deus se revela aos imperfeitos por meio de imagens materiais.”

<sup>4</sup> DIONÍSIO. **De Caelesti Hierarchia**. II, 145B. In: SANTOS, Bento Silva. **Introdução dos Nomes Divinos**. São Paulo: Attar Editorial, 2004. p. 33: “(...) longe de permitir à nossa inteligência contentar-se com símbolos impróprios, a incita a renegar as afecções materiais e a habitua santamente a elevar-se, através das coisas visíveis, às realidades que não são deste mundo.”

<sup>5</sup> DIONÍSIO. **De Caelesti Hierarchia**. II, 145B. In: SANTOS, Bento Silva. **Introdução dos Nomes Divinos**. São Paulo: Attar Editorial, 2004. p. 33 e 34: “Eu penso que nenhum dos homens verdadeiramente inteligentes poderia negar que as semelhanças mais longínquas sejam mais aptas para elevar a nossa inteligência.”

<sup>6</sup> SANTOS. *Op. Cit.* p. 34. In: DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. Trad. Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004: “Ao nível da inteligência, é preciso distinguir entre teologia afirmativa e teologia negativa, e esta distinção corresponde àquela que, ao nível sensível, opõe simbolismo semelhante e simbolismo dessemelhante.”

<sup>7</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. p. 116: “A teologia afirmativa principia com o próprio Deus, de quem afirma várias propriedades.”

dos seres, começando pelos imateriais; por fim, desce ao fato inaudito da Encarnação, na qual Cristo assume a própria natureza humana.<sup>8</sup> Agora bem, na medida em que arrola estes fatos, ela desencadeia um processo de descenso inevitável em direção a atributos que, conquanto deveras inteligíveis, tornam-se cada vez mais próprios às criaturas, tais como: bem, ser, vida, sabedoria, força, etc.<sup>9</sup> Destarte, estes vão-se mostrando cada vez mais inadequados<sup>10</sup>, pois Deus está infinitamente além não só da nossa sensibilidade como também da nossa razão. Assim, aos poucos vai surgindo a mesma tentação que ocorria no *simbolismo semelhante*, qual seja, a de confundir Deus com estas criaturas inteligíveis, máxime as mais eminentes.<sup>11</sup>

Passemos à análise da concepção de teologia negativa de Dionísio.

### 1.3. A teologia negativa ou apofática

Donde a necessidade de uma nova ascensão, ou seja, de uma via que siga o caminho inverso. Nasce, pois, a *teologia negativa*. Teologia negativa que iniciará negando de Deus o que é próprio das criaturas mais ínfimas<sup>12</sup>, mas que prosseguirá, qual *via ascendente*, até negar de Deus as perfeições mais elevadas das criaturas mais eminentes.<sup>13</sup> Desta sorte,

---

<sup>8</sup> DIONÍSIO. **A Teologia Mística**. In: DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000. III, 3. p. 72: “Na obra *Fundamentos Teológicos* apresentamos os pontos mais importantes da Teologia afirmativa e, enumerando-os, por eles louvamos a Deus, enquanto a excelente natureza divina é chamada de una e de trina; o que em relação a ela significa paternidade e filiação; o que significa a designação divina de Espírito; como do coração mesmo do bem imaterial e indivisível surgiu a multidão das luzes de bondade; e contudo, sem sair do descanso coeterno ao surgimento, cada uma das luzes permaneceu nele (o bem), e cada uma em si e cada uma na outra; como Jesus, que está acima dos seres,. Tomou em toda verdade a natureza humana, e tudo o mais que também foi louvado a partir das exposições das palavras divinas, segundo os *Fundamentos Teológicos*.”

<sup>9</sup> DIONÍSIO. **A Teologia Mística**. In: BONI, Luis Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000. III, 3. p. 72: “No livro *Os Nomes Divinos*, mostramos como Deus é chamado de bem, de ser, de vida, da sabedoria, da força, e tudo o mais que existem em denominações inteligíveis de Deus.”

<sup>10</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 116: “Mas, na medida em que nos alongamos de Deus, recorrendo a conceitos tirados das coisas sensíveis, tais enunciados afirmativos vão-se tornando sempre mais inadequados.”

<sup>11</sup> SANTOS, Bento Silva. **Introdução Dos Nomes Divinos**. In: DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. São Paulo: Attar Editorial, 2004. p. 35: “Mas esse método (o da teologia afirmativa) encontrará as mesmas dificuldades que o simbolismo semelhante. Como poderia ser diferente, visto que a inteligência não pode dar conta de Deus, que não é nem Bondade, nem Ser, nem Vida?” (O parêntese é nosso).

<sup>12</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 116: “A teologia negativa segue o caminho inverso. Ao invés de proceder do alto, ela parte das criaturas mais humildes, negando de Deus o que lhes delimita a finitude (...)”.

descobrimos que Deus, na sua absoluta transcendência, permanece-nos velado no seu mistério, visto que tudo o que predicamos dEle, tomamos, em última análise, das suas criaturas: seja das superiores, seja das inferiores. Assim sendo, as nossas palavras são sempre inaptas para desvelá-lo.<sup>14</sup> De fato, Deus não é ciência e nem verdade, tampouco é bondade ou espírito; Deus não é Pai e nem Filho. Em verdade, Deus não é nada do que *é* e nada do que *não é*. Com efeito, se Deus não é luz, tampouco é treva; se não é verdade, tampouco é erro.<sup>15</sup> Deus está acima de toda afirmação e de toda negação procedente das criaturas.<sup>16</sup>

Importa acentuar, no entanto, que não se trata aqui de uma contradição: negar de Deus tudo o que antes já se havia afirmado dEle. Ao contrário, estamos diante de um processo de conscientização da própria razão, que gradualmente se reconhece inepta ante Aquele que habita em luz inacessível.<sup>17</sup> Cumpre ponderar, ademais, que a negação tem aqui uma função peculiar. Trata-se não de uma *negação privativa*, mas de uma *negação de excelência*, querendo mostrar o quão abaixo estão os nossos conceitos da transcendência divina.<sup>18</sup> Sem embargo, quando negamos a Deus as perfeições que encontramos nas criaturas, não queremos privá-Lo destes atributos, mas salientar que Ele está infinitamente acima deles. Em outras palavras, queremos mostrar que toda afirmação ou negação feita a partir de uma concepção humana, fica aquém da causa única, que está além de todas as nossas categorias ou predicções:

(...) mas, quando afirmamos ou negamos dela aquilo que está abaixo dela, nem a afirmamos, nem a negamos, já que toda afirmação se mantém aquém da causa única, perfeita de tudo, e toda negação

---

<sup>13</sup> SANTOS. **Introdução Dos Nomes Divinos**. In: DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. São Paulo: Attar Editorial, 2004. p. 36: “O método negativo, ao contrário do afirmativo, é ascendente, e as negações se elevam dos atributos mais humildes aos mais nobres.”

<sup>14</sup> DIONÍSIO. **A Teologia Mística**. In: BONI, Luis Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000. III, 3. p. 73: “(...) pois quanto mais altas são as realidades a que pretendemos remontar-nos, tanto mais se reduzem nossas expressões ao divisar e contemplar os seres inteligíveis.”

<sup>15</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 117: “Ademais, Deus (...) não é ciência nem verdade (...); não é paternidade nem filiação; não é nada do que é nem do que não é; não é treva nem luz, não é erro nem verdade (...).”

<sup>16</sup> GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 85: “(...) Deus está além tanto das negações como das afirmações.”

<sup>17</sup> SANTOS. *Op. Cit.* In: DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. Trad. Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004. p. 36: “É evidente que não se trata simplesmente de negar o que antes tinha sido afirmado de Deus, mas, sim, de uma clara e ‘racional’ percepção de que Deus transcende infinitamente as possibilidades do conhecimento humano.”

<sup>18</sup> SANTOS. *Op. Cit.* In: DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. Trad. Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004: “Na realidade, a negação dionisiana é peculiar: trata-se de uma negação não-privativa, mas de excelência, de superação, de superabundância, de transcendência (...).”

permanece aquém da transcendência daquele que, segregado de tudo, situa-se além de tudo.<sup>19</sup>

Desta forma, a teologia negativa se apresenta como uma “superafirmação” da absoluta *transcendência divina*. Ela é uma forma de *purificação* na qual desvencilhamos de Deus todos os nossos conceitos humanos.<sup>20</sup> Assim, o “método” negativo acaba sendo uma *afirmação*, mas uma afirmação “trans-humana”.<sup>21</sup> Por fim, aquela ascensão das criaturas ínfimas às mais nobres, na qual consiste a teologia negativa, chega ao seu termo último, que são os umbrais do mistério, onde, adensando-se as caligens, o silêncio impera e o homem se une ao Inefável, ao Inominável, ao Inexprimível, ao Incognoscível. O próprio Dionísio sintetiza de forma eloquente a passagem do descenso da teologia afirmativa à ascensão da teologia negativa, até atingir o seu cume:

Antes, a exposição, procedendo de cima para baixo, ia ganhando uma extensão proporcionada ao processo do mesmo descenso; agora, em troca, subindo dos seres ínfimos ao que domina no cume, vai-se contraindo segundo o ritmo de ascensão, até que, consumada esta, emudeça por completo e se una totalmente com o inefável.<sup>22</sup>

#### 1.4.A superioridade da teologia apofática

Sem embargo, a negação é preferível à afirmação, pois a negação se ordena mais direta e positivamente ao inefável. Ela nos socorre do risco sempre presente de confundirmos Deus com alguma de suas criaturas. Por isso é que insiste Dionísio que não se pode afirmar nada de Deus sem, *a simultaneo*, negá-lo.<sup>23</sup> Na verdade, em se tratando da natureza divina, a

---

<sup>19</sup> DIONÍSIO. *A Teologia Mística*. In: BONI, Luis Alberto de. *Filosofia Medieval: Textos*. Porto Alegre: EDIPURS, 2000. V, 3. p. 74.

<sup>20</sup> SANTOS. *Op. Cit.* In: DIONÍSIO. *Dos Nomes Divinos*. Trad. Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004. p. 36 e 37: “Assim entendida, a teologia negativa é um método de ‘superafirmação’, ela é um além categorial, uma espécie de *Kátharsis* (purificação) de nossos conceitos humanos.”

<sup>21</sup> SANTOS. *Op. Cit.* In: DIONÍSIO. *Dos Nomes Divinos*. Trad. Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004. p. 37: “É preciso entendê-la (a teologia negativa) no sentido de uma afirmação trans-humana, pois seu objeto escapa a todas as nossas categorias, a todas as nossas afirmações e a todas as nossas negações.” (O parêntese é nosso).

<sup>22</sup> DIONÍSIO. *A Teologia Mística*. In: BONI, Luis Alberto de. *Filosofia Medieval: Textos*. Porto Alegre: EDIPURS, 2000. III, 3. p. 73.

própria afirmação tende, por sua obscuridade, a tornar-se cada vez mais inadequada. Ela principia no inteligível, mas volta-se, gradualmente, ao sensível.<sup>24</sup> Também a negação obedece ao mesmo processo, todavia, por outro motivo. Com efeito, à medida que vamos abandonando as coisas sensíveis e aproximando-nos das realidades suprassensíveis, a nossa linguagem vai-se tornando inapta, até ao ponto de termos que renunciar a toda fala para cedermos lugar ao silêncio, e isso se dá porque, unindo-nos a Deus, encontramos-nos absorptos no mistério da divindade.<sup>25</sup> Trata-se, desta feita, daquela *ignorância mística* que não se dá por falta de conhecimento, mas por excesso dele. Ora, na concepção de Dionísio, é nesta ignorância que se encontra, paradoxalmente, a mais *sublime ciência*.<sup>26</sup>

De fato, sendo Deus incompreensível, Ele é, *ipso facto*, inominável, inconcebível.<sup>27</sup> Destarte, enquanto achamos que O estamos contemplando e/ou compreendendo-O, é porque ainda não O encontramos.<sup>28</sup> Ao contrário, se a nossa ciência ceder lugar à ignorância mística, é porque não estamos longe dAquele que nos é desconhecido, porque não é.<sup>29</sup> Por conta de tudo isso, a teologia negativa é mais segura e oferece menos perigo que a afirmativa. Nesta vida, é impossível ir mais longe.

Passemos à análise da concepção de teologia mística de Dionísio.

<sup>23</sup> SANTOS. *Op. Cit.* In: DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. Trad. Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004. p. 37: “A afirmação só valerá na medida em que for penetrada pela preferível negação, que orienta diretamente para o Inefável.”

<sup>24</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 117: “As noções positivas se originam da obscuridade, e por isso, na proporção em que se aproximam das coisas humanas e terrenas, tendem a servir-se progressivamente de expressões conhecidas, razão por que vão-se tornando sempre mais verbosas (...)”.

<sup>25</sup> *Idem. Ibidem*: “(...) quando, ao contrário, nos elevamos a Deus a partir da criatura, eliminando gradualmente tudo o que é incompatível com Ele, a nossa linguagem se revela sempre mais débil e inadequada, terminando por emudecer de todo, quando, intimamente unidos a Deus, nos sentimos envolvidos na obscuridade.” DIONÍSIO. **A Teologia Mística**. BONI, Luis Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000. III, 3. p. 73: “E agora, quando nos adentramos nesta escuridão que transcende toda inteligência, cairemos não já na parcimônia das palavras, mas no silêncio absoluto e na inibição da inteligência.”

<sup>26</sup> GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 89: “(...) é essa a ignorância mística em que se deve ver o supremo grau do conhecimento. As outras ignorâncias são defeitos, dos quais se parte e que se corrigem adquirindo-se conhecimentos diversos; esta é, ao contrário, um excesso de conhecimento, ao qual o homem só se eleva superando todas elas.”

<sup>27</sup> *Idem. Ibidem*. p. 85: “(...) já que não se pode conhecê-lo, não se pode nomeá-lo.”

<sup>28</sup> *Idem. Ibidem*. p. 89: “Se se crê contemplar a Deus e se se compreende ainda o que se contempla, é porque, na realidade, se contempla alguma de suas criaturas.”

<sup>29</sup> *Idem. Ibidem*: “A ignorância é necessariamente a última palavra da ciência, quando esta quer alcançar Aquele que não se conhece porque não é.”

### 1.5. A teologia mística

Praticamente já descrevemos o essencial daquele que é o último estágio do nosso conhecimento de Deus, a saber, o *conhecimento místico*. Realmente, a *teologia mística* se distingue das demais por ser um modo de conhecer que se fundamenta na ignorância. Ignorância esta que se explica pela transcendência absoluta do objeto em questão: Deus. Tal conhecimento se dá quando a inteligência se une ao que é maior do que ela. Ora, a inteligência se une a Deus quando abandona todas as coisas e até a si própria.<sup>30</sup> Sendo que todas as demais ciências têm por objeto o *ser* e Deus está além do ser, como se pode ter ciência daquilo que simplesmente não é, porque não é *limitado*? Por isso, se há uma ciência acerca de Deus em si mesmo, esta se conquista mediante uma confissão de ignorância.<sup>31</sup> Na verdade, sobre Deus – o bem em si e a unidade trina – o silêncio é preferível à palavra, porque Ele está além de tudo.<sup>32</sup>

Neste sentido, conquanto pareçam estritamente ligadas e o mais das vezes inseparáveis, a teologia mística e a negativa se diferenciam por uma linha demarcatória nítida. A teologia mística não é como a negativa, pois esta última, como vimos, pauta-se por concepções teóricas e dialéticas; a mística, ao contrário, é uma experiência com o transcendente, desta sorte “experienciado” para além do espaço e do tempo.<sup>33</sup> Em síntese, a mística apresenta-se sendo uma *teologia do silêncio*, superior a todas as outras<sup>34</sup>, visto que o seu fim não é a aquisição de um conhecimento conceitual, mas sim a *união divinizante* do místico com Deus.<sup>35</sup>

---

<sup>30</sup> DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. Trad. Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004. VII, 872 A-B: “E, por outro lado, existe um conhecimento diviníssimo de Deus que conhece por meio da ignorância, segundo a união que está acima da inteligência, quando a inteligência, ao afastar-se de todos os seres e, em seguida, abandonar também a si mesma, se une aos raios superclaros, a resplandecer longe de lá e lá, na profundidade insondável da sabedoria.”

<sup>31</sup> *Idem. Ibidem*. I, 592 D: “Se, de fato, todas as ciências têm por objeto o ser, e todo ser é limitado, o raio, que é superior a toda substância, está também acima de qualquer conhecimento.”

<sup>32</sup> *Idem. Ibidem*. I, 593 B: “(...) o bem em si – em suma, o que quer que seja a unidade trina, que é em igual medida Deus e bem, não se pode dizer nem pensar.”

<sup>33</sup> SANTOS. *Op. Cit.* In: DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. Trad. Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004. p. 40: “A teologia mística situada acima da inteligência e a teologia negativa estão estritamente associadas, mas ambas se distinguem na medida em que a teologia mística, diferentemente do método negativo, não é uma abordagem dialética, mas uma experiência vivida (*páskhein tà theía*), a unificação perfeita acima do tempo e do espaço.”

<sup>34</sup> SANTOS. *Op. Cit.* In: DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. Trad. Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004. p. 41: “A teologia mística se situa, portanto, acima das outras funções teológicas, onde o silêncio é plenitude e eloqüência.”



Passemos à análise da concepção de Dionísio acerca dos nomes divinos.

## 2. *Dos nomes divinos*

Muito embora até aqui a incognoscibilidade de Deus pareça completa, Dionísio, a partir de um dado momento, começa a vislumbrar um viés mediante o qual a divindade torna-se, de certo modo, cognoscível: as suas criaturas. De fato, como *Sumo Bem*, Deus revelou-se nas suas criaturas, pois o *bem é difusivo de si e o agente produz o semelhante a si*. Sendo assim, a própria criação é uma *teofania*, isto é, uma *manifestação* de Deus.<sup>36</sup> De resto, aprouve a Deus, por seu libérrimo beneplácito, revelar-se a si mesmo também nas *Sagradas Letras*.<sup>37</sup> Na verdade, nem poderia ser diferente, pois como só Deus se conhece só Ele poderia dar-se a conhecer.<sup>38</sup> Assim, nada nos impede de, com moderação e santidade<sup>39</sup>, atendo-nos estritamente ao que nos dizem os livros sagrados<sup>40</sup>, investigarmos o que nos falam acerca da *natureza divina*.

Concluímos, então, que Deus – enquanto *bem* – não pode permanecer inteiramente *incomunicável*; dizíamos, ademais, que Ele próprio, por iniciativa própria, veio ao encontro das suas criaturas, iluminando-as proporcionalmente às suas faculdades cognitivas.<sup>41</sup> Agora bem, tendo por base isso mesmo, é-nos possível classificar *os nomes divinos* em dois

<sup>35</sup> SANTOS. *Op. Cit.* In: DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. Trad. Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004: “O procedimento é essencialmente anagógico no sentido de que convida a abandonar as representações sensíveis em direção à unidade e à *divinização* (hénosis e theósis).”

<sup>36</sup> GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 89: “O que se chama criação é, portanto, efeito de uma revelação de Deus em suas obras, e é por isso que os seres manifestam o que ele é. O mundo é uma ‘teofania’, e só ela nos permite conhecer seu autor.”

<sup>37</sup> DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. Trad. Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004. I, 588 C: “Portanto, como essa divindade nas Sagradas Escrituras benevolmente se manifestou a si mesma (...)”.

<sup>38</sup> GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 89: “Como só Deus se conhece, só ele, portanto, pode dar-se a conhecer àqueles que o procuram com modéstia.”

<sup>39</sup> DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. I, 588 A: “(...) não devemos também erguer os olhos para o alto senão na medida em que o raio dos ditos divinos se manifesta a nós, que nos remetemos aos esplendores mais altos com a moderação e santidade que convêm às coisas divinas.”

<sup>40</sup> *Idem. Ibidem*. I, 588 C: “Como se disse, pois, dessa divindade supersubstancial e oculta não é para ousar dizer nem entender nada senão aquelas coisas que, por inspiração divina, nos foram manifestadas por meio dos livros sagrados.”

<sup>41</sup> *Idem. Ibidem*. I, 588 C-D: “Entretanto, o bem não permanece totalmente incomunicável a todo ser, pois, por sua própria iniciativa e como convêm à sua bondade, ele manifesta continuamente este raio supersubstancial que nele permanece, iluminando cada criatura proporcionalmente às potências receptivas dela e estimulando as inteligências sagradas para a contemplação dele mesmo (...)”.

grupos: o primeiro contempla a Deus em sua unidade; o segundo, expressa a distinção das Pessoas divinas.<sup>42</sup>

### 2.1. Os nomes que expressam a unidade divina

Os nomes que designam Deus na sua unidade essencial expressam o que Ele é indivisivelmente. Por exprimirem a divindade total, tais nomes devem ser atribuídos à divindade indistintamente.<sup>43</sup> O significado destes nomes nos escapa completamente, já que eles versam sobre uma realidade que só existe em Deus e que é totalmente alheia às criaturas.<sup>44</sup> São eles: bem, divindade, substância, vida, sabedoria. Pertencem ao mesmo grupo todos aqueles nomes que expressam um atributo *superlativo* de Deus e ainda aqueles que fazem referência a Deus enquanto causa de todas as coisas.<sup>45</sup> Contudo, ainda com respeito a estes nomes, podemos, como às apalpadelas, balbuciar algo.

Por exemplo, quando falamos de Deus enquanto Criador, o nome “bem” ocupa um lugar privilegiado, já que é enquanto bem que Deus causa e dá origem a todas as coisas: tanto às que são ou existem quanto as que “não são” ou “não existem”<sup>46</sup>. Portanto, o termo “o bem” expressa a superioridade divina com relação a todas as coisas: tanto as que são ou existem quanto as que “não são” ou “não existem”.<sup>47</sup> Já pelo nome “Aquilo que é” expressamos a

<sup>42</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 117: “Os nomes divinos dividem-se em dois grandes grupos: o primeiro compreende todos aqueles que descrevem a Deus em sua unidade; o segundo, os que dizem respeito à distinção das pessoas.” DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. II, 640 D-641 A: “(...) e dizem, seguindo a Sagrada Escritura, que há atributos próprios à unidade assim definida e que à distinção mesma em Deus correspondem ainda unidades e distinções particulares.”

<sup>43</sup> *Idem. Ibidem*. II, 637 C: “(...) digamos que, qualquer que seja o nome integral de Deus que se trate de explicar, é preciso aplicá-lo à divindade toda.”

<sup>44</sup> *Idem. Ibidem*. II, 640 D: “Como eu disse já em outros escritos, os sagrados preceptores da nossa tradição teológica chamam unidades divinas as realidades secretas e inacessíveis da singularidade superinefável e superincognoscível (...)”.

<sup>45</sup> *Idem. Ibidem*. II, 640 B. Portanto, os nomes unidos de toda a divindade, como demonstramos nas *Instituições teológicas* amplamente à luz da Escritura, são o bem, a divindade, a substância, a vida, a sabedoria, qualidades acima de toda compreensão, e qualquer nome deduzido de uma negação excelente; acrescentemos a esses os nomes que indicam a causa: o bem, o belo, aquilo que é, aquilo que vivifica, o sábio e todos os outros nomes com os quais é chamada a causa de todos os bens em razão de seus dons benévolos.

<sup>46</sup> As coisas que não são ou não existem – ser e existir aqui se equivalem – dizem respeito: tanto àquelas realidades que *ainda* não existem quanto àquelas que *existem* apenas no *intelecto divino* como *possíveis*, ou, ainda, àquelas entes que já são, inobstante não sejam tudo aquilo que podem ser.

<sup>47</sup> DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. V, 816 B: “De fato, a denominação de Deus como bem, que explica todas as comunicações do autor de todas as coisas, estende-se às coisas que existem e às que não existem e está acima das que existem e das que não existem.” BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 119: “Enquanto

superioridade de Deus somente com relação às coisas que são ou existem.<sup>48</sup> De fato, Deus é o “não-ser” porque está além do ser.<sup>49</sup> Destarte, Ele é o “não-ser” primitivo do qual procede tudo o que é.<sup>50</sup> Por isso, nomear Deus como “Aquele que é” não é a forma menos inadequada de nomeá-lo. O nome “vida” contempla todos os seres vivos, evidenciando que Deus é a origem de todo ser vivo e exprimindo a superioridade de Deus em relação a todos os seres vivos.<sup>51</sup> O nome “sabedoria” é extensivo a todos os seres dotados de intelecto, sentido e razão, e mostra que Deus está acima de todos estes seres: intelectuais, racionais e sensíveis.<sup>52</sup>

Entretanto, mister é observar que toda esta diversidade de nomes não quer significar que eles existam distintos em Deus. Com efeito, a distinção é própria da criatura. Em Deus, todas estas realidades subsistem numa unidade pura e não multiplicável. A diversidade de nomes não implica, tampouco, que para cada coisa Deus seja uma causa diversa. Deus é a causa única e una de todas as coisas. Na verdade, é por sermos limitados que conhecemos o Deus simplicíssimo por estes pontos de vista diversos, limitados e determinados.<sup>53</sup> Sem embargo, do mesmo modo que todos os raios de um círculo não são senão um só no seu centro, e todos os números se reduzem a um só na sua unidade<sup>54</sup>, também dizemos que todas estas diversidades existentes nas criaturas e no nosso modo de conhecer existem em Deus como num ato maior, a saber, de modo simplicíssimo, não afetando em nada a sua unidade absoluta.<sup>55</sup>

---

bom, Deus é a fonte da totalidade do ser e do não-ser; enquanto ser, sua eficiência se estende apenas ao existente.”

<sup>48</sup> *Idem. Ibidem*: V, 816 B: “O nome ser estende-se a todas as coisas que existem e está acima das coisas que existem.”

<sup>49</sup> GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 88: “De fato, Deus não é o ser, mas além do ser.”

<sup>50</sup> *Idem. Ibidem*: “Por conseguinte, é de um não-ser primitivo que tudo vem, como de sua causa.”

<sup>51</sup> DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. V, 816 B: “O nome vida estende-se a todos os vivos e está acima dos vivos.”

<sup>52</sup> *Idem. Ibidem*: “O nome sabedoria estende-se a todas as coisas intelectuais, racionais e sensíveis e está acima dessas todas.”

<sup>53</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 118: “Não quer isto dizer, porém, que o bem, o ser, a vida e a sabedoria sejam outras tantas realidades distintas em Deus, ou outras tantas causas diversas, correspondentes à distinção das coisas, senão que denotam a Deus de um ponto de vista determinado, enquanto Criador e Revelador.”

<sup>54</sup> GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 88: “Tomadas em Deus, todas essas participações são uma só nele, como os raios do círculo são um só em seu centro, ou como os números o são na unidade (...).”

<sup>55</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 118: “Por mais numerosas que sejam, as distinções oriundas de Deus não afetam, em absoluto, a Sua unidade, visto que Deus é distinguido na unidade.”

## 2.2. Os nomes que expressam as distinções divinas

Ora bem, os nomes que designam as distinções são os que indicam as relações existentes entre as Pessoas divinas. De fato, cada um destes nomes cabe às Pessoas divinas enquanto distintas e não à divindade indistinta, pois o Pai não é o Filho e o Filho não é o Espírito e nem o Espírito é o Pai.<sup>56</sup>

Passemos às considerações finais deste trabalho.

### Conclusão

A *teologia simbólica* é aquela que, partindo das *coisas sensíveis* mais ordinárias às mais eminentes, aplica-as a Deus de forma *figurada*. O seu principal risco, na concepção de Dionísio, é confundir os seres sensíveis mais eminentes com o próprio Deus. A *teologia afirmativa* é da ordem da *inteligência*. Ela obedece a uma ordem *descendente*. Começa aplicando a Deus os nomes de maior inteligibilidade e, obedecendo ao esquema neoplatônico *exitus/reditus*, parte das *relações trinitárias* entre as *peessoas divinas* e, passando pelas coisas imateriais às materiais, chega ao fato inaudito da Encarnação redentora. O seu principal risco é tomar as perfeições inteligíveis mais eminentes como existindo em Deus tal como existem nas criaturas. Há, ainda, a *teologia negativa* que obedece a um esquema *ascendente*. Ela parte dos seres inteligíveis mais débeis aos mais eminentes, negando que o *modus significandi* das perfeições neles encontradas possam aplicar-se a Deus *univocamente*. Desta feita, a *teologia negativa* exprime de melhor forma a absoluta transcendência divina. Ainda mais perfeita é a *teologia mística*, porque não busca conhecer a Deus de modo conceitual, mas pela “experiência unitiva” do místico com o Deus inefável, que habita em luz inacessível. É por antonomásia a *teologia do silêncio*, já que consiste num desaparegar-se por inteiro do criado e de tudo que é para abraçar Aquele que está além do ser: não por carência, mas por superelevação.

---

<sup>56</sup> DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. II, 640 C: “São distintos, ao contrário, o nome supersubstancial e a realidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, porque não é absolutamente possível introduzir nesses um intercâmbio e uma comunhão.”

Vislumbrando já a distinção entre *modus praedicandi* e *res praedicata*, Dionísio, a partir do axioma neoplatônico *bonum est diffusivum sui*, desenvolve, no bojo destas quatro teologias que discrimina, uma teologia que entra no escopo das três primeiras, a saber, a *teologia dos nomes divinos*. Como Deus é a causa de todos os seres e o agente produz o que é semelhante a si, temos que os nomes que damos às criaturas não são totalmente equívocos quando aplicados a Deus. Decerto que, quanto ao *modus praedicandi*, eles devem ser negados de Deus por uma *negação não privativa, mas de excelência*; contudo, quanto à *res praedicata*, ou seja, quanto à *perfeição significada*, eles pertencem a Deus de um modo que nos escapa. Dionísio os divide em dois grupos: aqueles que expressam a unidade indivisível de Deus e aqueles que expressam a distinção das pessoas divinas. Frisa ainda que, embora estes nomes sejam diversos e exprimam perfeições diversas, as perfeições por eles designadas existem em Deus de um modo simplicíssimo que nos excede, dada a limitação do nosso intelecto. Pensamos que, através da *teologia dos nomes divinos*, Dionísio consegue livrar-se de um *agnosticismo* completo com relação a Deus.

## ***BIBLIOGRAFIA***

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup> ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. pp. 115 a125.

DIONÍSIO. **A Teologia Mística**. In: BONI, Luis Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000.

\_\_\_\_\_. **De Caelesti Hierarchia**. In: SANTOS, Bento Silva. **Introdução Dos Nomes Divinos**. São Paulo: Attar Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **Dos Nomes Divinos**. Trad. Bento Silva Santos. São Paulo: Attar Editorial, 2004.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 83 a 90.

SANTOS, Bento Silva. **Introdução dos Nomes Divinos**. In: DIONÍSIO. **Dos Nomes Divinos**. São Paulo: Attar Editorial, 2004. pp. 21 a 54.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.